



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Da nossa língua vê-se o futuro

Augusto Santos Silva

Gosto de pensar na minha língua como um mosaico de variantes, uma rede com múltiplos centros. Gosto de honrar a sua origem, chamando-lhe portuguesa, mas também de descolonizá-la, dizendo-a propriedade e posse de brasileiros, africanos e asiáticos. Gosto de lembrar que Moçambique independente fez mais pela disseminação do seu uso do que décadas e décadas de colonialismo lusitano. Gosto de chamar-lhe língua angolana, língua moçambicana, língua brasileira, gosto de senti-la irmã dos crioulos e do tétum. Gosto de saber que serviu para a resistência timorense e para a construção da identidade nacional em Angola e Moçambique. Gosto de perceber o tanto que deve a João Guimarães Rosa, Clarice Lispector ou Luandino Vieira. Sim, gosto de dizer língua de Mia Couto em vez de dizer língua de Camões, o Camões apreciaria constatar que muitos outros, depois dele, a trabalharam e reinventaram. Gosto de sentir como é diferente na boca de um brasileiro, como a camponesa da Zambézia que (disse o Mia) a fala a corta-mato lhe acrescenta um valor próprio e incontornável. Gosto desta maneira como a língua aplica o grande preceito pessoano – Sê plural como o universo – e na pluralidade faz assentar a sua singularidade sistémica. Gosto de imaginar que a comunicação entre europeus, latino-americanos, asiáticos e africanos continuará a fazer dela uma única língua, porque só essa vontade de falarmos uns com os outros e frequentarmos as recíprocas literaturas nos habilita ao mesmo condomínio idiomático.

Gosto que a minha língua seja de tantos. Mais de 270 milhões de habitantes dos países em que é língua oficial, a língua mais falada no Hemisfério Sul, a terceira língua indo-europeia em número de utilizadores, a quinta mais praticada na Internet. Gosto

especialmente de suspeitar que os seis milhões da diáspora portuguesa, o milhão e meio da diáspora brasileira e o mais de um milhão das diásporas africanas a trazem na bagagem, gaveta dos valores seguros. Gosto também de me pôr na pele dos que, por todo o mundo, estudam o português como língua estrangeira, no ensino secundário e superior, gosto de ouvir falar a minha língua com sotaque italiano, senegalês, polaco, sul-africano, argentino ou chinês, gosto de entender o portunhol verdadeiro na fronteira do Uruguai com o Brasil. Gosto das alianças com outras línguas não-hegemónicas, gosto da aproximação às primas línguas românicas. Gosto de ler as projeções das Nações Unidas, de que seremos 380 milhões de falantes em 2050 e caminharemos para os 500 milhões no fim do século. Rio-me interiormente da raiva dos lentes que temem a desvirtuação de uma língua que gostariam de congelar em novo latim, rio-me das travessuras que a língua lhes faz. Gosto de perceber que, depois de ter sido portuguesa e ser agora brasileira, a minha língua se tornará futuramente africana, por ser africana a maioria dos falantes. António Ferreira, que em Quinhentos pedia que a língua vivesse e florescesse, haveria de gostar de conhecer essas flores vindouras, esplendorosamente negras.

Gosto que a minha língua sirva para várias coisas, para pensar e para falar, para fazer pedidos e ter conversas, sirva para namorar com outros e também com ela (outra vez Mia Couto), sirva para criar e transmitir, ensinar e aprender, tratar de convenções, negócios, contratos, poemas, canções, novelas. Sirva para gritar pela nossa equipa e injuriar os adversários. Sirva para falar nas Nações Unidas, na prefeitura, no município e no suco. Sirva para andar no machimbombo e na chapa, no elétrico e no ônibus. Gosto que a língua nos aproxime, nos irmane, nos distinga. E gosto que tenha havido a ideia de formarmos uma comunidade de países baseada na língua e que ela faça o seu caminho, como tenda ou praça aberta para os comércios, as zangas e os projetos que vamos tendo.

Gosto de notar que, por detrás dos biombos ritualistas e para lá dos discursos acacianos, há quem se preocupe com o destino da língua, quem se aperceba dos riscos que corre, quem compreenda que língua materna não é o mesmo que língua segunda, que situações tão diversas não podem ter resposta única, que há urgências de pesquisa, formação e acompanhamento a que ninguém pode ficar alheio. Que governos, universidades, academias, escolas, meios culturais, diplomacias, todos têm serventia, obrigações e contas a prestar. Gosto de ouvir perguntar pela política da língua, reclamar da CPLP e

das autoridades nacionais, indagar se Portugal e Brasil estão realmente conscientes das suas responsabilidades específicas.

Gosto que chamem portuguesa à minha língua. Gosto de ler Pessoa dizendo que ela é que é verdadeiramente a nossa pátria, até porque isso agora significa que é múltiplas pátrias, vários mundos. Gosto de saborear a música dos versos de Cecília Meireles, descobrindo que essas palavras que voam, “alheias e nossas”, e “às vezes pousam” são portuguesas. Gosto de Vergílio Ferreira explicando a estrangeiros que da sua língua se via o mar. Gosto das perguntas que Mia Couto faz à língua (“em águas doces alguém se pode salpicar?”). Gosto ainda mais de saber intimamente que a minha língua é equivalente às demais, que toda a língua tem tesouro, que toda a língua é tesouro.

E gosto, sobretudo, de poder dizer que a minha língua não é minha, não é só minha, não é principalmente nem minha nem do meu país, com seus 10 milhões de residentes. Que a minha língua é língua de muitos, e isso a faz duplamente minha, minha porque a falo, minha porque pertença à grande e variegada comunidade que construiu. É desse ponto, é desse posto, que melhor se vê o futuro. Língua portuguesa e europeia, língua brasileira e americana, língua angolana, cabo-verdiana, guineense, moçambicana e são-tomense, língua africana, língua timorense e asiática, língua das diásporas luso-falantes, língua de seus cultores e aprendentes, língua de suas literaturas, nossa língua: é dessa minha-nossa língua que vejo o futuro, é esse o futuro da nossa-minha língua.

Jornal de notícias, 1 de junho de 2018